

ATIVIDADE EXTENSIONISTA EM FILOSOFIA: O PROJETO FILOSOFARTE

Telmir de Souza Soares¹

Maria Veralúcia Pessoa Porto²

RESUMO: A universidade surgiu na Idade Média, àquela época sua função era a de, por meio do ensino, criar quadros para a Igreja e para os reinos europeus. Na contemporaneidade, os desafios para a universidade são os mais variados possíveis fazendo com que a ela transcenda a atividade ensino em direção a outras áreas. Tal ampliação de tarefas pode ser sintetizada pelo tripé ensino, pesquisa e extensão. Dentre estas, a extensão universitária tem sido, comumente, a mais mal compreendida, aquela que é relegada ao último plano e aquela que é considerada como custo, gasto, e não como investimento. E o que dizer da extensão realizada no âmbito da Filosofia? Esta que é, por sua vez, considerada por um de seus maiores expoentes, Aristóteles, como uma ciência *inútil*? Se fazer extensão universitária é um desafio, este é ampliado na área da Filosofia. Neste artigo apresentamos alguns desses desafios e algumas respostas a eles através da experiência desenvolvida pelo Projeto de Extensão Filosofarte.

Palavras chave: Filosofarte. Filosofia. Arte. Extensão. Universidade.

L'ACTIVITÉ D'EXTENSION EN PHILOSOPHIE: LE PROJET FILOSOFARTE

RÉSUMÉ: L'Université apparut au Moyen Âge. En ce temps-là, son rôle était celui de, moyennant l'enseignement, créer des cadres pour l'Église et pour l'État. Dans la contemporanéité, le défis à l'université sont le plus varies, ce qui fait qu'elle transcende l'activité d'enseignement vers d'autres domaines. Nous trouvons l'élargissement de sa tâche dans la relation entre l'éducation, la recherche et l'extention. De ces trois domaines, l'extension universitaire est souvent le moins compris, elle est reléguée à l'arrière-plan et estimée comme un frais ou un surplus et non comme de l'investissement. Et, quoi dire de l'extension mise en jour en Philosophie? Cette science qui est repute de l'un de ses plus grands exposants, Aristote, comme une science inutile? Si faire de l'extension universitaire est un défi, que dirai-on de le faire en Philosophie? Dans ce article, on va presenter quelques défis et quelques réponses à ceux-ci à travers de l'expérience vécue et développée par le projet d'extension Filosofarte.

¹ Professor Adjunto III do Departamento de Filosofia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Mestre em Filosofia, área de concentração Filosofia Prática, pela Universidade Estadual do Ceará – UECE. Doutor em Filosofia Prática pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Coordenadora do Projeto de Extensão FILOSOFARTE. E-mail: telmir@gmail.com

² Professora Assistente IV do Departamento de Filosofia da Universidade de Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Mestre em Filosofia, área de concentração Filosofia Prática, pela Universidade Estadual do Ceará – UECE. Doutoranda em Filosofia Prática pela Universidade Federal da Paraíba. Vice-coordenadora do Projeto de Extensão FILOSOFARTE. E-mail: veraluciapessoaporto@gmail.com

Mots Clés: Filosofarte. Philosophie. Arte. Extension. Université.

INTRODUÇÃO

A universidade é uma instituição histórica, isto significa dizer que ela vive e se adequa às demandas do tempo e do espaço no entorno onde ela se situa. Na contemporaneidade, ela assume um papel bem específico na sociedade: a formação profissional de alto nível, tendo em vista o suprimento das demandas do mercado de trabalho. Percebemos, a partir dessa determinação socioeconômica, que ela é fundamental no desenvolvimento de qualquer sociedade. Entretanto, a visão monolítica desta atividade tem, muitas vezes, degradingado em um processo de ensino-aprendizagem que privilegia a formação pessoal e o ganho particular segundo a lógica do modo de produção capitalista. Assim, a universidade, que tem um papel social determinante, cuja manutenção tem um custo público (mesmo as instituições universitárias particulares gozam de benefícios sociais, fiscais e do financiamento público, por meio de bolsas, renúncia fiscal etc.), privilegia fins que permanecem cada vez mais particulares: a capacitação pessoal para o exercício de uma profissão no mercado capitalista visando a manutenção do sistema e o lucro pessoal dos envolvidos.

Entretanto, em uma sociedade cada vez mais desigual, torna-se, por sua vez, cada dia mais urgente, tentar buscar um equilíbrio para essa equação perversa: *o ensino com financiamento e fundos públicos versus o benefício individual*. Uma das possíveis respostas a esse desafio talvez resida na atividade extensionista. A atividade extensionista tem como grande virtude ser fundamental na construção de uma resposta plausível para esta problemática, contrapondo a uma (de)formação individual e personalista, uma formação profissional mais crítica e mais cidadã.

Neste artigo, pretendemos apresentar a importância do projeto extensionista no contexto das atividades universitárias em meio aos desafios deste nosso tempo, a sua relação com o ensino e a pesquisa, bem como sua capacidade de propiciar uma formação mais integral para o mercado de trabalho, para a sociedade e para a vida, tendo como pano de fundo as ações desenvolvidas pelo Projeto de Extensão Filosofarte.

1. A instituição da universidade face aos desafios do tempo

A universidade, desde seus primórdios na Idade Média, apareceu como um organismo que visava a formação de quadros, mais especificamente daqueles que, formando a *intelligentsia* da época, relacionavam-se, por um lado, com a continuidade da doutrina e da teologia católica (os futuros teólogos, bispos, monges, etc.), bem como, por outro lado, com aqueles que ocupariam os cargos burocráticos nas cortes (os advogados, conselheiros, médicos, etc.).

Assim, a universidade, na esteira das escolas medievais, ocupava-se, desde sua fundação, basicamente com o ensino. Na atualidade, a universidade é responsável pela formação dos quadros dirigentes, dos profissionais liberais e da mão-de-obra qualificada para o mercado segundo a lógica do modo de produção capitalista. Entretanto, sinal dos novos tempos, uma das características que diferencia a universidade atual das antigas, bem como de outras instituições de ensino, é o seu particular direcionamento para três atividades aparentemente distintas: ensino, pesquisa e extensão. Isso significa que ensinar passa a ser uma entre outras tantas atividades a serem desenvolvidas no âmbito da formação universitária e, mais especificamente, ao lado da pesquisa e da extensão.

Entretanto, no que tange à relação entre essas três áreas, o que temos na atualidade é a prevalência de uma forma de conhecimento, a *ciência*, que domina o cenário do acesso humano ao mundo em geral. Como *causa* e *efeito* desse predomínio, temos um sem número de instituições (de fomento, de publicações, de meritocratização, de associações de pesquisadores, etc.) que dão uma dimensão áurea à pesquisa, fazendo, na maioria das vezes, com que essa tenha um valor maior até mesmo em relação ao próprio ensino, atividade início, meio e fim da universidade.

Por isso considera-se “normal” que, após o ensino, objeto chave da existência de uma universidade, seja a pesquisa a estrela fulgurante do universo acadêmico e, ao lado dela, e com muito menos expressividade, seja posta a extensão como uma estrela cadente. A sobrevalorização da pesquisa convive com a subvalorização da extensão: são famosos, no âmbito da pesquisa, os congressos, seminários, colóquios e jornadas científicas no Brasil e mundo afora; são prestigiadas as revistas e as publicações voltadas para as pesquisas e, ao lado disso, desenvolveu-se um

sistema próprio de hierarquização que valora as publicações pelo seu caráter científico como, por exemplo, o sistema *Qualis*. Ademais, são sobrevalorizadas as citações bibliográficas dessas obras, artigos, *papers* em fontes de pesquisa catalográfica como o *Scielo*. Acerca disso, diz Silva o seguinte:

Enquanto a pesquisa e o ensino têm sido alvo de discussões que originaram elaborados sistemas de avaliação da produção científica e da qualidade dos cursos, a extensão universitária, por outro lado, não recebeu a mesma ênfase, nem sofreu as transformações necessárias em ritmo e intensidade pertinentes para acompanhar a evolução do ensino superior. (SILVA; VASCONCELOS, 2006, p. 121).

Assim, como resultado do sistema acadêmico atual, é raro ver e conceber um professor dedicado à extensão e cujas atividades sejam devidamente valorizadas a ponto das ações extensionistas terem presença massiva no seu *Currículo Lattes*. Aliás, a extensão nem tem tanto espaço assim na estrutura do *Lattes*, cuja proposta visa destacar a pesquisa. Basta, para corroborar esta afirmação, fazer uma pesquisa sobre esse tema na própria *Plataforma Lattes*, o resultado é no mínimo desolador:

A reduzida produção bibliográfica extensionista não surpreende; isto porque, em um ambiente onde o índice de impacto de publicações regula o reconhecimento profissional, revistas de cunho extensionista certamente não provocam o impacto “necessário”. As exigências de agências de fomento e regulamentação de Mestrados e Doutorados priorizam artigos publicados em revistas internacionais indexadas em áreas específicas [...]. Revistas extensionistas sequer são consideradas na análise da produção docente em cursos de pós-graduação, talvez pela dificuldade em adequar a ação extensionista a uma linha de pesquisa dentro do programa de pós-graduação, e também porque tais revistas ou não são indexadas, ou receberam conceito “C” da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, desestimulando os docentes a redigir um artigo pouco valorizado pelos pares. (SILVA; VASCONCELOS, 2006, p. 129)

A universidade, que vive os desafios de seu tempo, também está atrelada ao formato do mesmo. Assim, numa lógica de produção que se volta para o mercado, a extensão apresenta-se como um fenômeno sem relevância. Entretanto, atuar junto à sociedade permanece um desafio que a universidade tem que suprir da forma mais adequada possível. O formato adequado para a extensão deve ser aquele que influa numa formação cidadã dos alunos; que represente a qualificação dos docentes e que associe a teoria exposta nos currículos à necessária prática exigida em qualquer aprendizado que se queira relevante.

a. A universidade e o desafio da extensão universitária

Independentemente da aparente supremacia de um dos elementos do chamado “tripé” da atividade universitária em relação aos outros, o desafio da universidade em nosso tempo consiste em ensinar os conteúdos necessários a uma determinada prática profissional fazendo, ao mesmo tempo, pesquisa e extensão:

A Extensão é uma via de mão dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica (*sic*), que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico (*sic*). No retorno à Universidade, docentes e discentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento. Esse fluxo, que estabelece a troca de saberes sistematizados, acadêmico (*sic*) e popular, terá como consequência: a produção do conhecimento resultante do confronto com a realidade brasileira e regional; a democratização do conhecimento acadêmico (*sic*) e a participação efetiva da comunidade na atuação da Universidade. (CONCEITO, 1987, p. 1)

Existe então uma íntima ligação entre esses três aspectos da vida acadêmica sendo eles, entre si, atividades complementares: deve-se ensinar fazendo pesquisa e, ao fazê-lo, aplicar tais conhecimentos à realidade na medida do possível, à guisa de experimentação dos elementos teóricos-conceituais presentes no currículo. Tal “aplicação” deve dar-se no entorno da universidade, na sociedade, como retorno social do investimento financeiro dedicado à educação.

Assim compreendida, a formação acadêmica superaria o nível da formação individualista, conforme a concepção difundida pelo sistema capitalista, transformando-se em uma formação mais cidadã e mais voltada para a responsabilidade social:

Os princípios da integração ensino-pesquisa, teoria e prática que embasam a concepção de extensão como função acadêmica da universidade revelam um novo pensar e fazer, que se consubstancia em uma postura de organização e intervenção na realidade, em que a comunidade deixa de ser passiva no recebimento das informações/conhecimentos transmitidos pela universidade e passa a ser, participativa, crítica e construtora dos possíveis modos de organização e cidadania. (JEZINE, 2004, p. 2)

Para tanto, compete às lideranças universitárias superar a relação perversa que contabiliza de modo avaro as relações entre custo e retorno financeiro, entre custo e benefício, entre gastos e subsídios, bem como superar outras posturas

bastante difundidas como, por exemplo, considerar a extensão uma atividade sacrificial, onerosa, sem apelo midiático e “sem futuro”.

Nesse sentido, a extensão universitária é uma atividade que possibilita a aplicação do que foi aprendido no ensino de uma forma crítica e, ao mesmo tempo, a instauração de várias modalidades de atividades de pesquisa *pari passu* ao planejamento, execução e análise da ação extensionista.

Uma atividade extensionista adequada precisa ater-se a determinadas atividades, a fim de alcançar seus objetivos. Projetos extensionistas podem ser feitos a partir das seguintes atividades:

- a) *Cursos*: ações pedagógicas planejadas e sistematizadas, de caráter teórico e/ou prático, não inseridas na estrutura curricular dos cursos regulares de graduação ou pós.
- b) *Eventos*: ações de interesse acadêmico de cunho educativo, técnico, social, científico, esportivo e artístico, objetivando a divulgação, o desenvolvimento e a ampliação dos conhecimentos produzidos pela Universidade.
- c) *Projetos*: ações contínuas, de caráter educativo, social, cultural, científico e tecnológico, articuladas em função dos interesses das comunidades e que visam a contribuir para a formação acadêmica do aluno pela incorporação de conhecimentos adquiridos em atividades desenvolvidas junto à comunidade.
- d) *Serviços*: trabalho oferecido a terceiros (comunidade ou empresa), incluindo assessorias, consultorias e cooperação interinstitucional, de caráter permanente ou eventual, executadas com técnicas e habilidades inerentes às áreas do conhecimento científico. (SILVA; VASCONCELOS, 2006, p. 122)

A gama do que pode ser considerado extensão, como vimos, é muito ampla, ultrapassando as visões limitadas do assistencialismo de outrora e do mero ativismo, sem finalidade da contemporaneidade. Em se tratando do saber universitário, há que se buscar em cada curso uma forma mais adequada de promover atividades que cumpram um papel social, ao mesmo tempo em que retornem para o ambiente acadêmico como ganho, em termos de mais conhecimentos, mais qualificação e mais compromisso social dos educandos. Esse desafio, que já é enorme, consiste em uma problemática constante no âmbito da filosofia. Nesse sentido, o Projeto de Extensão FILOSOFARTE busca ser um diferencial em meio às demandas por uma atividade extensionista em filosofia por almejar a indissociabilidade entre ensino-pesquisa-extensão, por promover a interdisciplinaridade, por despertar os alunos e

professores para a atividade extensionista, bem como por possibilitar, a um público bem diversificado, o acesso à arte em geral.

2. FILOSOFARTE: ensino, pesquisa e extensão em uma mesma dimensão acadêmica.

O projeto de extensão FILOSOFARTE nasceu com o intuito de associar duas atividades fundamentais em filosofia: a arte e a reflexão filosófica. Aliás, a reflexão filosófica sobre a arte, nos seus mais variados aspectos (a criação de objetos que consideramos artísticos, de artefatos mecânicos, de objetos de adorno, de obras de arte, da relação desta com o espaço social, etc.), tem seus primórdios no próprio alvorecer da filosofia entre os gregos, estando intrinsecamente ligada a ela. As primeiras reflexões filosóficas referiam-se, por exemplo, aos *mitos gregos*, fixados pela tradição homérica em uma obra de arte poética belíssima composta de milhares de versos que chegaram a nós através da *Ilíada* e da *Odisseia*. Os versos de Homero foram estudados pelos principais representantes da tradição filosófica antiga como os Cosmologistas, bem como por Platão e Aristóteles.

O FILOSOFARTE, em sua busca por trabalhar com a arte, representa, assim, um “ouvir ao chamado” da filosofia, forma de conhecimento que desde seus inícios sempre procurou refletir sobre a arte. Desse modo, o projeto de extensão constituiu-se, desde suas origens, como uma aceitação desse “convite”; um convite que assume, ao mesmo tempo, o ensino, a pesquisa e a extensão universitária. O FILOSOFARTE apresenta-se como uma forma de investigação que representa um deter-se sobre os vários domínios da estética (música, poesia, literatura, dança, teatro), desembocando em um verdadeiro aprendizado para o ensino da arte e da filosofia que, tendo em si um caráter multidisciplinar, coaduna-se de modo apropriado às características fundamentais para um projeto de extensão.

No caso específico da atividade extensionista em filosofia, um aspecto a mais sobre essa atividade no que diz respeito a sua tripla tarefa, ensino/aprendizagem, pesquisa e ação extensionista, é que ela, a filosofia, conta com várias ferramentas, por assim dizer, *sui generis*, para levar a cabo tal pretensão: há uma longa tradição filosófica que se detém em pensar a arte, o belo, as expressões artísticas em geral (poesia, música, dança, etc.), entre outras coisas; muitos dos textos filosóficos são

verdadeiras obras de arte no que diz respeito à linguagem e aos temas abordados; há uma longa lista de filósofos que produziram obras de arte (peças teatrais, romances, músicas, autobiografias, poemas) e, há livros filosóficos que são propostas interpretativas das mais variadas concepções filosóficas (marxismo, existencialismo, teoria crítica, desconstrucionismo, etc.), que tem a arte como um de seus objetos privilegiados.

Assim, o projeto FILOSOFARTE busca, desde seus princípios e segundo seus objetivos, ser a cabal expressão da unidade das dimensões ativas da universidade: a conjugação do ensino de filosofia, da pesquisa em filosofia e da realização de ações em filosofia, visadas a partir das manifestações artísticas as mais variadas.

a. A estrutura do FILOSOFARTE

O FILOSOFARTE, tendo em vista abranger a maior parte das expressões artísticas, está dividido em núcleos: teatro, música, dança, poesia e literatura. Tal constituição possibilita-nos ampliar a área de interesse do projeto, tanto para os alunos, que podem se inserir nas atividades que mais se aproximem dos seus interesses estéticos, bem como para os professores e técnicos. Além disso, tal abertura possibilita suprir possíveis lacunas em termos de possíveis áreas de atuação, em que a filosofia pode vir a refletir sobre o real.

Os núcleos são dirigidos por professores e compostos por alunos e técnicos. Cada núcleo, a partir de seus interesses, discute as obras que querem trabalhar e a forma como será construído o espetáculo: quais serão os personagens, quais dos integrantes serão os atores, quem dirigirá, além de trabalhar em conjunto, em toda a composição artística (na escolha da trilha sonora, na construção do figurino, na idealização do cenário, etc.). Uma das situações práticas de tais demandas é a participação democrática direta na constituição do espetáculo. Além deste aspecto prático, há os componentes teóricos: para a execução do espetáculo artístico é indispensável a pesquisa, o aprofundamento das questões relacionadas aos aspectos artísticos, dos elementos filosóficos e da sua relevância e possibilidades reflexivas para a exibição pública da obra de arte a ser encenada.

Todas as fases do trabalho são elaboradas e executadas de forma bem democrática, bem participativa, um preâmbulo para uma organização mais filosófica da realidade. O objetivo do projeto é preciso nesse sentido: refletir sobre uma obra de arte, destacando seus aspectos filosóficos com a finalidade de criar uma peça artística para exibição pública. Tal espetáculo representa a oportunidade para ampliar a discussão filosófica com o público em geral, bem como para despertar um interesse sobre a filosofia. Temos, assim, não somente uma universalização do acesso a obras de arte, mas também a ampliação do espaço e do conhecimento e reconhecimento da própria filosofia.

b. Extensão em filosofia e as possibilidades da formação discente

Os resultados do projeto de extensão FILOSOFARTE ao longo dos seus 7 anos não poderiam deixar de ser os mais satisfatórios. Uma das primeiras questões a ser destacada diz respeito à *parceria* entre alunos e professores na realização das atividades do projeto. Via de regra, as relações acadêmicas são assimétricas, ainda mais no ambiente universitário em que impera a famosa *meritocracia*, que anuncia na forma do saber absoluto preconizado pela concepção verticalizada do conhecimento a proeminência do educador sobre o educando: *o professor sabe tudo, o aluno nada sabe; o professor é o sujeito, o aluno é o objeto do ensino*. Reflexões sobre esse aspecto autoritário do ensino foram levadas a cabo por Paulo Freire que, em muitas de suas obras, denuncia esse suposto monopólio do saber por parte do “educador”, apontando para a necessidade de uma nova forma de configuração do processo ensino-aprendizagem:

[...] pensar certo coloca ao professor, ou mais amplamente à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos chegam a ela [...] mas também [...] discutir com os alunos a razão de ser de alguns destes saberes em relação com o ensino de conteúdos. (FREIRE, 1999, p. 33).

Em filosofia, as relações assimétricas são ainda mais gritantes em função da estrutura estabelecida para a transmissão do saber filosófico com a prevalência do modelo *escolar*, melhor dizendo, *escolástico*. Nesse sentido, os conteúdos filosóficos

aparecem como profundos e insidiosos enigmas, cuja chave de desvelamento reside sob os cuidados de um mestre, do professor, ao qual cabe a palavra final.

Em contrapartida ao academicismo puro, trabalhar em extensão permite e possibilita a remoção de muitos momentos desse estranhamento, possibilita uma convivência baseada na vontade e não na coerção; propicia uma relação dialógica que implica no compartilhamento de saberes e que altera as rígidas estruturas do aprendizado acadêmico.

c. Extensão universitária e interdisciplinaridade

Outra possibilidade trazida pelo FILOSOFARTE consistiu na ampliação da área de atuação do projeto para alunos de outros cursos. Apesar de sabermos de antemão do atributo universalista da filosofia, de ela encontrar-se em praticamente todas as áreas do conhecimento humano, poucas são as vezes que, no âmbito dos saberes especializados e das especializações encasteladas, acontece algum intercâmbio. O FILOSOFARTE, por sua atuação mais ampla, pôde contemplar e congrega durante sua existência alunos de filosofia com graduandos de Comunicação Social, Letras, História, Ciências Sociais, Gestão Ambiental, Música, Educação Física, entre outros. Além dos professores de filosofia, contamos com colegas professores de outras áreas como, por exemplo: Economia, Comunicação Social, Letras, além de técnicos de nível superior do quadro da própria instituição.

Além disso, o projeto abriu espaço para a parceria com outras instituições além dos muros da universidade: escolas (nas quais foram feitas apresentações), o Conselho da Comunidade na Execução Penal da Comarca de Mossoró, o Complexo Penal Estadual Doutor Mário Negócio e da Penitenciária Federal, todas instituições situadas em Mossoró, oportunizando a possibilidade de atendimento de ações extensionistas a um público carente de ações sociais, culturais e educativas, como o que permeia as penitenciárias estadual e federal (nas quais foram dados cursos e feitas inúmeras apresentações culturais). Outras instituições acadêmicas foram parceiras ao longo da existência do projeto, como a Faculdade de Enfermagem Nova Esperança em Mossoró – FACENE, a Faculdade MATER CHRISTI e a

Universidade do Vale do Acaraú – UVA/IBRAPES. Destarte, o FILOSOFARTE traz, em seu seio, a característica de ser um projeto multidisciplinar e multistitucional.

d. Algumas realizações do FILOSOFARTE.

Assim, o resultado mais visível do projeto, ao longo de sua existência, e até o momento, foi a produção de várias peças artísticas: obras de dramaturgia (*Creonte Conta Antígona*, *Entre Eu e Nós*, baseados, respectivamente, nas obras de Sófocles, *Antígona*, e Jean Paul Sartre, *Entre quatro paredes*), saraus musicais e literários, apresentações musicais diversas, recitais (*A vida: tristezas e alegrias*, diálogos entre Florbela Espanca e Cecília Meireles, *Feito para acabar*, *Conheço o meu lugar*, poesias de Ferreira Gullar e Mário Benedetti, com música de Belchior), um espetáculo de dança (*Insano*), entre outras inúmeras atividades. Desse modo, o FILOSOFARTE é um exemplo cabal de um projeto de extensão reconhecido por sua inserção na sociedade tanto que, em meio às diversas atuações do projeto, são inúmeras as inserções na mídia escrita e televisiva, prova do reconhecimento e do apoio que a sociedade outorga ao projeto.

Tal *portfólio* de apresentações do projeto possibilitou ainda a participação em inúmeros eventos: *Semanas Científicas* como as de filosofia e a de humanidades, colóquios, a participação, a condução e a realização de várias solenidades nas mais diversas instituições na cidade de Mossoró. Não poderíamos esquecer ainda que o projeto FILOSOFARTE, ao longo dos seus 7 anos de execução, representa uma das presenças constantes no FESTUERN, evento realizado anualmente pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, tendo em vista a promoção de atividades teatrais no âmbito da educação fundamental e superior no RN.

e. Produção acadêmica

Desenvolvendo a ideia de que a atuação em um projeto de extensão deve estar associada à produção acadêmica, à produção de pesquisas científicas a serem apresentadas em eventos acadêmicos e à produção e publicação de artigos científicos, o FILOSOFARTE produziu, até o momento, dois livros: ***Filosofarte:***

*educando através da filosofia e da arte para a promoção da cidadania*³, de 2009, e *Filosofarte: elogio à diversidade*⁴, de 2011. Tais livros englobam as experiências, as vivências, as práticas e os resultados das pesquisas realizadas pelo grupo.

Há que salientar que tais publicações contam com artigos tanto de professores como de alunos e de técnicos. Tal experiência possibilita um enriquecimento da vida acadêmica, tanto para professores como para os alunos, mesmo porque, a produção acadêmica, em termos de publicação, é algo que valoriza todos os atores de uma instituição de ensino superior, principalmente, os discentes, cujas possibilidades de publicação ainda são bastante reduzidas. Estes encontram no projeto a possibilidade inaudita de contarem com a publicação de artigos em livros ainda durante o processo da formação acadêmica, em nível de graduação, o que é indispensável, tanto para a posterior sequência de estudos em pós-graduação, como para pontuação em concursos públicos, que podem definir uma vida profissional.

Entretanto, longe do aspecto puramente quantitativo dessa prática, é importante destacar o desenvolvimento de tais alunos no âmbito da própria escrita acadêmica. Todos os artigos produzidos por alunos foram orientados por professores ou técnicos de nível superior com pós-graduação. Nesse processo, tivemos a oportunidade de sentar com os alunos e apontar os caminhos e descaminhos da produção de um artigo científico o que representou, sem sombra de dúvidas, um ganho excepcional no desenvolvimento da qualidade da produção escrita dos mesmos.

³ No primeiro livro, voltado para a apresentação dos resultados das práticas realizadas dentro do escopo do edital do PROEXT MEC CULTURA, contamos com as produções dos professores Maria Veralúcia Pessoa Porto, Telmir de Souza Soares e Etevaldo Almeida Silva, da técnica Lígia Maria Bandeira Guerra e dos discentes Camila Praxedes de Brito, Andherson Macgyver Cipriano Rodrigues, Evandro Hallyson Dantas Pereira, Gisele Lima, Gibson Alves Marinho da Silva, Degivaldo Avelino da Silva, Isadora Eleutério de Paiva Sousa e Márcio Gelibe, bem como do Juiz da Comarca de Mossoró, Dr. Stélison Fernandes Freitas que, à época, era Presidente do Conselho da Comunidade.

⁴ No segundo livro, mais voltado para os vários segmentos em que o Filosofarte atua, a saber, dança, teatro, poesia e música, contamos com as produções dos professores Maria Veralúcia Pessoa Porto, Telmir de Souza Soares, Jucieude Evangelista, Ailton Siqueira e Regiane S. Cabral de Paiva, dos discentes Camila Praxedes de Brito, Samuel Moreira Chaves, Narjara da Silva Dias, Luana Cassimiro de Andrade Lopes, Bany Narondy Cabral de Lima, Samira Luara, Francisco Fabiano Melo, Zenóbio S. Oliveira, Simone Genuíno, Railton Sérgio Bezerra de Oliveira Júnior, José Alves de Paiva Júnior e Márcio Vinícius Barreto da Silva, bem como dos ensaístas Artevaldo da Silva Ramalho, Arilma de Sousa Soares, Gisele Lima, Degivaldo Avelino da Silva, Gibson Alves M. da Silva, Silvianeide Pessoa Porto e José de Paiva Rebouças.

f. O FILOSOFARTE e a qualificação profissional

Associada à produção acadêmica: artigos científicos publicados, comunicações feitas em eventos, pôsteres exibidos em mostras, seminários de pesquisa e extensão, monografias de curso de graduação, bem como as muitas audições feitas pelas inúmeras peças do projeto, consideramos de fundamental importância o fato de, em todos esses acontecimentos, estar em andamento a formação e a qualificação profissional dos alunos. O resultado imediato desse processo foi o desenvolvimento de novas habilidades, o aprimoramento de tantas outras, a criação de inúmeros hábitos salutares não somente à vida acadêmica e para a vida profissional, bem como para o dia a dia dos formandos. Hábitos relacionados à pesquisa, ao cumprimento de tarefas, ao trabalho em equipe, à convivência em grupo, acerca da superação de dificuldades e do uso intensivo da criatividade.

Ao longo de sua existência e de sua formação acadêmica, muitos alunos serviram-se das experiências e da qualificação desenvolvida no projeto (certificados, artigos publicados, participação em eventos) para dar primeiros e sólidos passos na carreira profissional. Muitos passaram em concurso público na própria instituição em que se formaram e na qual executaram o projeto FILOSOFARTE, no caso a UERN, ingressando no quadro funcional como técnicos especializados (professores de Conservatório, designers), bem como outros seguiram a carreira acadêmica, buscando uma pós-graduação. O que testemunhamos ao longo do processo foi o desenvolvimento de alunos, a qualificação de profissionais e a formação de seres humanos mais plenos.

Nesse sentido, e a pleno termo, a atividade extensionista abre novas e inauditas perspectivas para o ensino teórico. Ademais, se em um curso de filosofia, cuja carga teórica abrange 100% do conteúdo estudado, é possível fazer tantas revoluções com a extensão, que dirá em cursos cujo “apelo” é bem mais social, bem mais prático, bem mais “aplicável” à realidade?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O itinerário de nossa conversa chega ao fim com algumas breves considerações sobre os caminhos, descaminhos e possibilidades da ação extensionista. Uma das certezas com que concluímos esse texto diz respeito à relevância da ação extensionista na formação dos alunos. Seja no campo teórico e na atividade prática dos conteúdos aprendidos em sala de aula, seja na capacitação profissional e na qualificação acadêmica, seja na fundamentação curricular propriamente dita ou, como comumente se diz, no *curriculum vitae* dos formandos, a atividade extensionista, pela sua gama de possibilidades formativas, deveria ser considerada como *atividade permanente* da grade curricular, inserida na própria dinâmica dos conteúdos e não meramente como uma *atividade complementar*.

Tal dimensão formativa coaduna-se com as diretrizes estabelecidas pelo Fórum de Pró-Reitores que, em um documento (FORPROEX, 2006), reitera que a atividade extensionista deve adequar-se às novas demandas educacionais propostas pela Constituição de 2008 e caracterizar-se pela indissociabilidade entre ensino-pesquisa-extensão; pela flexibilização da estrutura curricular, mais afeita à formação de profissionais-cidadãos; agregar uma nova concepção de CURRÍCULO, que privilegie uma compreensão crítica e investigativa, baseada na interdisciplinaridade e que, por fim, atenda às demandas e desafios da contemporaneidade.

Tal postura começa, propriamente dizendo, por uma nova compreensão acadêmica, sobre o que venha a ser a atividade extensionista, como nos diz SILVA:

Como defender a inserção da extensão no ambiente acadêmico se a própria comunidade tem sérias dificuldades de percepção sobre *o que é extensão*? Tais dúvidas não são injustificadas. Convencionou-se entender extensão como aquilo que “não é nem ensino nem pesquisa”, para citar um lema corrente em muitos círculos universitários; ou como uma prestação de serviços, ou ainda como uma ação beneficente, assistencialista, voltada exclusivamente para populações carentes. Ora, sabe-se que a extensão vai muito além disso; trata-se de uma estratégia de construção de conhecimento conjunto, utilizando os saberes do agente responsável (professor, como mediador) junto com a comunidade externa (não necessariamente carente de recursos financeiros). Este conhecimento é assim *co-produzido* (Freire, 1983), pois é transformado pela própria experiência de trabalho coletivo. Parte de problemas práticos de um segmento da sociedade e tenta resolvê-los através da conjunção de esforços. Ao extensionista cabe o papel de guia nesse processo, e nunca

de detentor do conhecimento final, imutável, como acontece (comumente) com a pesquisa. (SILVA; VASCONCELOS, 2006, p. 133)

Nesse sentido, faz-se necessário que a extensão seja compreendida em todas as suas possibilidades acadêmicas: para a formação do aluno, para a qualificação do docente, para o cumprimento da tarefa social da universidade. E, quiçá estejamos no limiar de uma época em que a realização de projetos de extensão diga respeito à compreensão dos docentes sobre a relevância da atividade extensionista para suas carreiras e para a formação dos alunos e não, tão somente, como mais uma atividade a “tirar o professor de sala de aula”, tendo em vista reduzir a carga horária, valendo-se da estrutura da lotação acadêmica. Tal postura visa que a atividade extensionista figure como uma atividade a mais na complementação da carga horária, servindo, tão somente, como desculpa para não assumir mais disciplinas. Compreendida de forma burocrática, a atividade extensionista funciona como um escape da sala de aula e deixa de ser uma oportunidade real de aprendizado e capacitação para o docente, para o discente e para a sociedade em geral.

Somente com uma compreensão adequada das possibilidades oferecidas pela atividade extensionista é que se alcançará uma superação de um tripé perverso: aquele que privilegia a pesquisa em detrimento das demais tarefas da universidade. Por outro lado, uma atividade extensionista que não se isola em seu gueto e que associa à sua prática a pesquisa e o ensino, mostra-se mais capaz de responder aos novos desafios postos pela vivência social, bem como às muitas possibilidades geradas por tais desafios, constituindo-se como uma ponte capaz de viabilizar a mobilização por parte dos professores universitários para atender a essas demandas. E, neste sentido, se por um lado, para os padrões de produtividade vigentes, possa parecer ser uma “aberração” existirem professores com, digamos, uma “pegada” mais extensionista, o maior problema consiste em a universidade, como um todo, não ter compreendido o papel fundamental da extensão para a formação humana e profissional.

Nesse sentido, à guisa de advertência, há que se considerar os "caminhos" tomados recentemente pelas pró-reitorias de extensão que, no afã de reproduzir e produzir um reconhecimento equiparado às instâncias relacionadas à pesquisa na universidade, tem assumido o mesmo *modus operandi* das pró-reitorias de pesquisa,

a saber, operando por supostos "editais", utilizando-se de plataformas informatizadas para implementar projetos com seus módulos de preenchimento fictícios (mesmo as instituições não tendo recursos, os campos relacionados a valores das atividades devem ser preenchidos, muito embora saiba-se que os reais financiadores dos projetos serão os professores interessados), valorizando mais os projetos que "trazem recursos para a instituição" (os quais são passíveis de análise em separata pelas comissões e aprovados em regime de urgência), o que leva ao engessamento das atividades extensionistas, tendo em vista que segue os parâmetros utilizados para as atividades outras como a de pesquisa. Tal postura, lamentavelmente, toma a burocracia por sinônimo de eficiência e a apresentação de "resultados" como sinônimo e expressão máxima de "sucesso".

No âmbito do Filosofarte, por se tratar de um projeto na área das Ciências Humanas e, mais especificamente, da filosofia, considerada por Aristóteles, um dos mais eminentes filósofos, como uma ciência inútil, o que concerne aos resultados das atividades não pode ser mensurada com os critérios da pesquisa científica, por assim dizer, clássica. Nesses anos de existência, o Filosofarte colheu resultados no que tange à integração no tripé da universidade por parte de professores, discentes e técnicos e de inserção social e reconhecimento da importância e lugar da filosofia na vida por parte do seu público, quer no sistema prisional, objeto das atividades do projeto vida edital do MEC, bem como nas inúmeras apresentações realizadas nos vários segmentos que o projeto atua: teatro, poesia, dança e música.

Assim, o projeto Filosofarte vem tentando realizar a tarefa proposta à universidade face aos desafios desse novo milênio. Tal postura compreende o reconhecimento das demandas da universidade em nosso entorno e em nosso tempo. O fato é que nem a pesquisa nem a extensão, com suas demandas respectivas, eram "conhecidos" e muito menos praticados pela universidade na sua origem medieval, mas não vivemos mais na Idade Média. Nesse nosso novo horizonte, há que salientar a importância da extensão universitária e, além disso, postular que ela, enquanto atividade própria da universidade, venha a ser considerada não como um ônus, mas uma ponte entre o ensino e a pesquisa, fazendo com que a formação acadêmica alcance um sentido mais pleno.

No que diz respeito ao domínio da filosofia, o projeto FILOSOFARTE, ao longo de sua história, tem buscado atender a um triplo desafio: o primeiro consiste

em mostrar a relevância da filosofia como uma das formas de compreender o mundo, senão como a mais plena entre todas, uma vez que conjuga diversos planos, algo que pode ser visto nos vários segmentos que até aqui o projeto abarca; o segundo consiste em atualizar a tarefa da universidade por meio da efetivação do tripé ensino-pesquisa-extensão, algo que, na argumentação acima enunciada acerca das realizações do projeto, tem sido levado à cabo de forma satisfatória; o terceiro e último desafio consiste em uma atividade ínsita aos propósitos filosóficos desde os primórdios do nascimento dessa "ciência", a saber, em atender ao chamado da filosofia no sentido de refletir sobre a arte, o que nos remete a uma síntese dialética, reportando-nos aos desafios anteriores uma vez que tal exercício de reflexão deve ser relevante no empreendimento próprio de levar a cabo tal tarefa, cumprindo-a por meio de uma ação que se coadune com as perspectivas e expectativas patentes e latentes na atividade extensionista. Nesse sentido, o *modus operandi* do projeto, a saber, compartilhando as atividades entre docentes, discentes e técnicos, envolvendo-se com a comunidade acadêmica e, além disso, com seu entorno, garante esse recurso ao tripé universitário e ao atendimento dos três desafios acima citados. Isso, tendo em vista a melhor formação dos graduandos e justificando, por outro lado, o papel social da universidade extramuros. Muito ainda há para ser feito, nós reconhecemos, mas os resultados que colhemos até aqui nos dão grandes esperanças pelo que está por vir.

REFERÊNCIAS

CONCEITO de extensão, institucionalização e financiamento. In: I Encontro de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, 1987, Brasília.

Documentos... Belo Horizonte: UFMG, 2014. Disponível em:

<<http://www.renex.org.br/documentos/Encontro-Nacional/1987-I-Encontro-Nacional-do-FORPROEX.pdf>>. Acesso em: 11 jul. 2011.

FORUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS - FORPROEX. **Indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão e a flexibilização curricular: uma visão da extensão**. Porto Alegre: UFGRS; Brasília: MEX/SESu, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 12. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

JEZINE, Edineide. As práticas curriculares e a extensão universitária. In: 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, 2004, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos...** Belo Horizonte: UFMG, 2004. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/congrext/Gestao/Gestao12.pdf>>. Acesso em: 11 jul. 2011.

SILVA, Maria do Socorro; VASCONCELOS, Simão Dias. **Extensão universitária e formação profissional: avaliação da experiência das Ciências Biológicas na Universidade Federal de Pernambuco**. In: *Estudos em Avaliação Educacional*, v. 17, n. 33, jan./abr. 2006. Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/eae/arquivos/1280/1280.pdf>>. Acesso em: 11 jul. 2011.